

PARCERIAS



FICHA TÉCNICA

Direção do MIRA Forum

João Lafuente e Manuela Matos Monteiro

Fotografia e Vídeo

João Lafuente, Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, Rui Apolinário e José Vaz Silva

Assistente de galeria

Jorge Marques

Press Officer

Patrícia Barbosa

MIRA FORUM

Rua de Miraflor, 155

Campanhã, Porto

929 145 191 - 929 113 431

miraforum@espacomira.net

www.facebook.com/pages/MIRA-FORUM

www.facebook.com/groups/miraforum

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00

Entrada Livre!



PONTO DE FUSÃO

JOSÉ VAZ E SILVA

LUÍS VELOSO

RUI APOLINÁRIO

29 Ago - 19 Set

JOSÉ VAZ E SILVA

José Vaz e Silva é natural de Caldas de S. Jorge (Santa Maria da Feira, 1966). Frequentou diversos cursos de fotografia analógica e digital, desde captura, revelação e pós-produção, no Centro de Arte de S. João da Madeira sob orientação do professor Aníbal Lemos. Desde 2006 dedica-se a fotografia infravermelho digital. Das várias exposições em que participou, destacam-se: Galeria Barca D'Artes, Viana do Castelo 1992; Loja FNAC / Chiado, Lisboa 2002, Museu dos transportes de Coimbra, Coimbra, 2007; Oliva Creative Factory, S. João da Madeira, 2012; Galeria da Colorfoto, Porto, 2014; Biblioteca Municipal e S. João da Madeira, 2015.

LUÍS VELOSO

Luís Veloso é natural de Santarém (1964). Licenciado em Medicina exerce como médico neurologista no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho. Frequentou o Curso de Formação Artística em Fotografia do Centro de Arte de S. João da Madeira, de 1989 a 1992, sob orientação do Professor Aníbal Lemos. Das várias exposições em que participou, destacam-se: Loja FNAC / Chiado, Lisboa 2002; Centro de Arte de S. João da Madeira 2003; Convento de Cristo, Tomar 2003; 9ª Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira, 2006 (Menção Honrosa); Museu dos transportes de Coimbra, Coimbra, 2007; Exposição “National Geographic Portugal”, Lisboa, 2011. Luís Veloso adquiriu ainda uma Menção Honrosa na 9ª Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira, 2006 e o primeiro prémio na categoria “Pessoas” da “National Geographic Portugal” 2010.

RUI APOLINÁRIO

Rui Apolinário é natural de S. João da Madeira (1961). Licenciado em Filosofia na Universidade Católica Portuguesa (Faculdade de Filosofia de Braga). Frequentou o “atelier” de fotografia no Centro de Arte de S. João da Madeira (entre 1988 e 1991), sob orientação de Aníbal Lemos. Concluiu vários “workshops” no Centro Português de Fotografia sob orientação de Guillaume Geneste. Desde 2008 até ao corrente ano tem vindo a frequentar acções de formação de curta duração na área da fotografia digital. Tendo vindo a colaborar pontualmente desde 2002 com diversas companhias de teatro (fotografia de cena). Das várias exposições em que participou, destacam-se: “La Voix Humaine”, Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, Aveiro 2000; “Uma história a-penas”, Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa 2005; “Retrospectiva/Fotografia de Cena”, Galeria ACERT, Tondela 2005 e “Nada nos inquietará?”, Galeria Colorfoto, Porto 2012.

EDUARDO LUÍS PATRIARCA

Eduardo Luís Patriarca é natural do Porto (1970). Iniciou os seus estudos musicais em 1974, no Colégio de Nossa Senhora da Esperança, em piano. Em 1985 ingressa no Curso de Música Silva Monteiro, onde conclui o Curso Complementar de Piano. Em 1990 é admitido no Curso Superior de Composição na Escola Superior de Música do Porto. Mais tarde, ingressa na Escola Superior de Música de Lisboa. Frequentou diversos seminários na Fundação Calouste Gulbenkian. Como professor leccionou em Pedrosos, Espinho, Maia, Mirandela e Póvoa do Varzim. Desde 1991 lecciona na Academia de Música de S. Pio X de Vila do Conde. As suas obras têm sido tocadas e gravadas em Portugal e no estrangeiro. Tem participado como convidado e com obras encomendadas em vários festivais e concursos de música. Em 2008 ingressa no Mestrado em Composição na Universidade de Aveiro.

Que Vamos Fazer Com Estas Memórias?

Andava a família Oliveira ocupada, com os seus operários, a fabricar chapéus de pêlo de coelho e já contava a história que foi uma máquina de costura uma das grandes responsáveis pelo luminoso nascimento do cinema. Estava-se nos finais do século XIX e um fotógrafo francês, depois de observar com atenção o modo de funcionamento da máquina de costura, aprendeu a captar e a fazer incidir numa tela imagens animadas. Louis Lumière, o fotógrafo, ajudava assim a inventar o cinematógrafo. Desde então, fotografia e cinema andaram sempre relativamente próximos, sendo necessárias largas milhares daquelas películas fixas e sensíveis para obter uma rápida e curta hora de fita animada na sala escura.

Anos decorridos sobre a descoberta do fotógrafo, nasceria a Oliva para fabricar em série máquinas de costura e outros eletrodomésticos e maquinarias. Nenhum roteiro de S. João da Madeira que procure fazer o inventário da sua cultura material – a tecnologia e o saber fazer do trabalho sobretudo, à falta de outras ruínas, como um castelo ou um pelourinho –, poderá olvidar a fábrica da família Oliveira, o local de trabalho e o objeto arquitetónico e técnico onde esse trabalho se processou ao longo de décadas.

O visitante pode depois imaginar, supondo e inventando, os êxitos, a felicidade e os fracassos da Oliva. Se entrar na fábrica desprevenido pode ficar de respiração cortada. A vida material e a vida do trabalho, os objetos, os vestígios físicos e as aptidões, estão degradados e destroçados. Como se fossem um saber ancestral que se torna cada vez mais difícil procurar e encontrar. Não podendo a fábrica aguentar-se de pé, o visitante poderá ficar, irremediavelmente perdido, entre o ontem e o hoje.

Entre recantos escondidos, minudências laborais, quase todas preciosas, e pedaços de mistérios adormecidos, com sumiços e apagões, com luzes e clarões, uma longa lista de fotografias faz o registo da morte anunciada e do desejo disfarçado de ressurreição. Elas põem a descoberto vestígios perdidos, reconstróem uma história quase inteira. Com ruídos surdos, parecidos com os das antigas máquinas de costura, viver íntimo e mudanças indesejáveis, colheitas preciosas e, quase de certeza, com a perda de alguma inocência. Elas dão tanto quanto recebem. Para que o esquecimento não se torne num provérbio descuidado.